



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
Seminário Empresarial Brasil-Alemanha**

Hamburgo-Alemanha, 04 de dezembro de 2009

Eu quero dizer para vocês da alegria de estar aqui em Hamburgo, cumprimentado o senhor Axel Gedaschko, ministro da Economia,

Os meus ministros brasileiros que estão aqui: ministra Dilma, ministro Guido, ministro Miguel Jorge, ministro... Quem mais está aí? O Ministro dos Portos.

Cumprimentar os empresários brasileiros,

Os empresários alemães,

E o tradutor vai ter um problema, porque o meu discurso por escrito foi superado pela apresentação do Guido, certamente pela apresentação do Miguel Jorge, e certamente – o Pedro Brito não falou – mas, certamente, superado pela apresentação da Dilma. Vou pedir para a minha assessoria ler os discursos deles antes de eu ser chamado à mesa para que eu não repita aqui.

Mas, de qualquer forma, não poderia haver local mais apropriado para este seminário de Hamburgo. Aqui, firmou-se o primeiro acordo de cooperação econômica com o recém independente império do Brasil, em 1827. Ao reunir representantes dos setores públicos e privados dos dois países, este encontro ajuda a identificar áreas prioritárias de interesse comum. Reforça uma parceria histórica entre Brasil e Alemanha.

Ainda no século XX, no Sul do Brasil, imigrantes alemães construíram o que hoje é um importante polo industrial. Seu nome: Novo Hamburgo, lá no Rio Grande do Sul.



A cooperação com a Alemanha proporcionou ao Brasil um salto em nossa industrialização, nos anos 50 e nos anos 60. As indústrias automobilísticas e de bens de consumo foram as locomotivas do desenvolvimento brasileiro na segunda metade do século XX.

É chegada a hora de um novo salto, de um novo impulso. Queremos, uma vez mais, contar com o nosso parceiro alemão. Temos – como mostrou a Dilma, e mostrou o Guido e o Miguel Jorge – cenários repletos de oportunidades para investidores. Não vou falar da Copa do Mundo, não vou falar das Olimpíadas, e não vou falar do PAC ou do pré-sal, porque aqui já foram por demais divulgados. Mas vou falar de uma coisa que os alemães precisam, têm contribuído conosco, também têm tecnologia, que é o uso dos biocombustíveis.

O mundo desenvolvido está comprometido, e a União Europeia está comprometida, até 2020, utilizar 10% de etanol no combustível fóssil. Se isso for verdade, é preciso que a gente comece a discutir desde já que tipo de parceria nós vamos construir. Não apenas para atender às necessidades de um país como a Alemanha, mas para atendermos às necessidades da maioria dos países desenvolvidos. Eu acredito que os alemães têm clareza de que não é possível continuar produzindo etanol do milho. Também os alemães têm clareza que não é possível produzir mais etanol de beterraba.

E, aí, nós vamos chegar à conclusão de que a cana-de-açúcar produzida no Brasil, ou produzida em qualquer país africano, que precisa de investimentos para se desenvolver, pode ser a nova matriz energética que nós estejamos precisando criar para as próximas décadas. É apenas uma questão de tempo e uma questão de maturação na nossa cabeça.

O Brasil tem tecnologia e tem vantagens competitivas, e os companheiros alemães sabem disso. Sabem das oportunidades, sabem do quanto é lucrativo a construção disso, e sabem porque a indústria automobilística alemã, no Brasil, produz o automóvel mais limpo do mundo,



que são os carros flex-fuel, que hoje atendem a demanda interna do mercado brasileiro, produzindo praticamente 90% dos carros que podem misturar 100% de etanol, que podem utilizar 100% de gasolina, que podem misturar a proporção que quiser, que o motor funciona e a tecnologia é alemã. Afinal de contas, as indústrias automobilísticas alemãs e outras indústrias de componentes de automóveis têm muita responsabilidade por isso. É apenas uma questão de tempo. E eu sei que não é fácil a gente mudar os hábitos e os costumes.

Mas nós estamos indo para Copenhague, dia 16, 17 e 18 de dezembro. Todos nós estamos preocupados com o aquecimento global, todos nós estamos preocupados com a mudança que climática, e todos nós estamos vendo o debate que está acontecendo no mundo inteiro, o que fazer para que a gente diminua o aquecimento global ou, pelo menos, não permita que ele aumente do jeito que está aumentando.

Vocês estão acompanhando o debate. O debate está muito mais comprometendo os países ricos do que os países em desenvolvimento. Os países ricos têm duas tarefas importantes que têm que cumprir: uma primeira delas é o pagamento da dívida histórica, porque emitem gases de efeito estufa há muito mais tempo por causa do processo de industrialização. E diminuí-los significa ou diminuir o padrão de consumo ou aumentar os investimentos em tecnologia e, ao mesmo tempo, investir dinheiro para que os países que ainda têm florestas as mantenham de pé, para que possam sequestrar o carbono que o mundo precisa.

Esse debate é inexorável. Ele vai acontecer e as pessoas podem ser mais rápidas ou menos rápidas. Mas o dado concreto é que nós precisamos fazer esse debate e ele não pode passar de Copenhague. O Brasil tomou uma atitude que muita gente imaginava que o Brasil não teria coragem de tomar: nós somos o primeiro país a mostrar ao mundo que, até 2020, nós nos comprometemos com a redução da emissão de gases de efeito estufa de 36.1



a 38.9. Ao mesmo tempo, isso será cumprido com o compromisso nosso de, até 2020, reduzir o desmatamento na Amazônia em 80%, trabalhar a agricultura de forma diferente, sem fazer tanto manejo da terra, utilizando o plantio direto, mudar a nossa matriz energética para o setor siderúrgico, em vez de carvão mineral, carvão vegetal, utilizar o potencial hídrico que o Brasil tem, para construir hidroelétricas e produzir energia elétrica, já que nós somos um país que tem uma matriz de energia, no setor elétrico, 85% totalmente renovável, e a matriz geral, 47% totalmente mais limpa que os outros países.

E tudo isso nós poderemos construir junto com um país como a Alemanha, que tem discutido muito, que tem mostrado interesse e que, dentre os países desenvolvidos, é o país que melhor tem tomado iniciativas para que a gente possa apresentar ao mundo uma proposta muito objetiva.

Não é essa a visão dos Estados Unidos, não é essa a visão da China. E quando o Brasil tomou a atitude, é porque nós queremos chegar em Copenhague desafiando os outros países a cumprirem pelo menos aquilo que o Brasil está se propondo a cumprir.

Embora o Brasil não faça parte dos países do Anexo I, a nossa proposta é uma proposta voluntária. Nós tomamos a atitude de transformar em lei a nossa proposta voluntária, que foi aprovada na Câmara e foi aprovada no Senado. E, portanto, quem quer que seja o governo brasileiro, nos próximos anos, ele terá obrigação de lei de cumprir as metas que o Brasil assumiu publicamente.

Em segundo lugar, nós temos que ter clareza da importância que tem a Alemanha para o Brasil e da importância que tem o Brasil para a Alemanha. A verdade é que nós temos um fluxo de intercâmbio comercial ainda aquém do tamanho dos dois países, do potencial dos dois países e da riqueza dos dois países. No ano passado, chegamos praticamente a US\$ 21 bilhões, e, neste ano, caiu para 13 bilhões, em função da crise econômica. Isso demonstra que nós ainda não exploramos corretamente todo o potencial de trocas comerciais



entre Brasil e Alemanha. E eu acho que está na hora de nós começarmos a pensar não apenas no potencial do Brasil, mas o que significa o Brasil no Mercosul, e portanto vamos tratar de fazer o acordo União Europeia e Mercosul, possivelmente no ano que vem, quando a Argentina será presidente do Mercosul e a Espanha será presidente da União Europeia, para ver se a gente consolida o vencimento da crise econômica aumentando as oportunidades de comércio entre o Brasil e a Alemanha, entre Brasil-Alemanha e o restante do mundo.

Uma outra coisa extremamente importante que eu queria dizer para vocês é que nós precisamos levar para o Brasil aquilo que é a excelência da competência científica e tecnológica da Alemanha, sobretudo quando se discute inovação. Talvez o presidente da Confederação Nacional da Indústria, o Armando Monteiro, tenha falado da inovação. A inovação é uma palavra bonita, ainda pouco utilizada no Brasil, e que nós queremos transformar a inovação em uma palavra tão necessária e tão conhecida como é o futebol e o samba. Ou seja, que todo mundo perceba que somente através de um amplo processo de inovação é que nós vamos poder colocar os nossos produtos nos mercados e, também, a gente pode melhorar a qualificação dos produtos que nós fabricamos no Brasil. E, sobretudo, termos o conhecimento que a pequena e micro empresa alemã adquiriu, nesses últimos anos.

Portanto, nós temos que trabalhar com muita força, para que a gente possa promover uma maior participação desses pequenos empreendedores na sofisticação das coisas que nós produzimos no Brasil, e isso pode ser feito em parceria com a excelência do pequeno e médio empreendedor alemão.

Uma coisa importante que eu queria dizer para vocês, que eu não ouvi falar, na exposição do ministro Guido Mantega, e também não era obrigação dele falar, é que nós precisamos conhecer as razões pelas quais o Brasil está em uma situação confortável. Muita gente acha que é pura sorte do governo. Outros acham que Deus está de férias no Brasil e, portanto, as coisas estão



dando certo no nosso país. Outros acham que o Brasil está bem porque a economia mundial estava bem. Mas, agora, o Brasil está bem e a economia mundial está mal.

Então, é preciso que a gente olhe os números da macroeconomia, tão bem colocados pelo companheiro Guido Mantega, pelo Miguel Jorge, que a gente olhe para as oportunidades mostradas pela companheira Dilma Roussef, mas é importante que a gente saiba que tem outros fatores, não tão estudados pelos economistas, não tão estudados pelos empresários, que é a razão de parte do sucesso do Brasil.

Alguns me criticaram muito, quando eu disse que a crise no Brasil era uma marola – para o meu intérprete entender, marola é uma onda pequena. Ora, porque nós discutíamos a crise em dois momentos. Primeiro, nós discutíamos a crise do *subprime*, ou seja, a bolha imobiliária americana, e discutíamos os efeitos perversos que poderia causar em uma economia como o Brasil. Até então, eu acreditava que o sistema financeiro alemão era muito sólido, que o sistema financeiro japonês era muito sólido, que o sistema financeiro escocês era muito sólido, e que o problema era apenas os bancos alemães.

Ora, o que nós percebemos? É que o sistema financeiro como um todo estava com uma doença quase que esquizofrênica. O sistema financeiro, ao longo das últimas duas décadas, possivelmente pela predominância da teoria do Estado mínimo, possivelmente pela prevalência de uma teoria de que o mercado resolveria todos os problemas do país, o sistema financeiro mundial achou por bem se descolar do setor produtivo, e resolveu ganhar dinheiro com especulação. “Eu tenho um papel, que eu vendo ele para um empresário alemão, que pega aquele papel, vende para o presidente do Banco do Brasil, que pega aquele papel e vende para um empresário japonês, que pega aquele papel e vende para um francês...” Ou seja, era gente ganhando milhões e milhões de euros ou de dólares sem produzir uma única caneta desta ou um



único copo deste, apenas especulando.

E o que aconteceu, de fato? Na hora em que o sistema financeiro se descolou do setor produtivo, nós vimos, o que aconteceu na economia mundial. E aí quando quebrou o *Lehman Brothers* é que nós vimos a fragilidade do sistema financeiro, porque nenhuma empresa alemã e nenhuma empresa brasileira conseguia mais crédito em lugar nenhum do mundo. Ou seja, eu cansei de ouvir dizer que existiam trilhões e trilhões de dólares atravessando os oceanos, sobrevoando o espaço aéreo de todos os países, mas quando quebrou o *Lehman Brothers*, que poderia ter sido salvo se o presidente Bush tivesse feito uma intervenção na hora correta e, quem sabe, colocado US\$ 60 bilhões ou US\$ 70 bilhões, nem uma empresa como a Petrobras que tinha US\$ 174 bilhões de investimento conseguia pegar US\$ 1 mil emprestado do sistema financeiro internacional. E aí o crédito desapareceu, e esse foi um problema sério na Alemanha e foi um problema muito sério no Brasil.

Bem, nós tomamos as medidas que entendíamos que deveríamos tomar, o Guido Mantega mostrou aqui, nós compramos bancos quando era preciso comprar banco. Por exemplo: um dia, nós, em uma reunião com a indústria automobilística, descobrimos que o mercado de carro usado não estava funcionando porque os bancos pequenos que financiavam carro usado e os bancos das montadoras não tinham dinheiro. Nós liberamos R\$ 100 bilhões do compulsório, que era dinheiro do Tesouro, ainda assim esse dinheiro não supriu as necessidades.

Então, o que nós fizemos? Nós, não apenas criamos um fundo garantidor para garantir aos bancos pequenos tomar dinheiro emprestado e financiar, como nós compramos o banco que tinha maior expertise em financiamento de carro usado para que o Banco do Brasil começasse a financiar carro usado no Brasil. Ou seja, nós não demoramos um dia para tomar todas as decisões que nós entendíamos que deveríamos ter tomado. E aí, explica um pouco o sucesso do Brasil. Ou seja, é que nós não ficamos



pensando. No dia 22 de dezembro do ano passado, eu fiz uma coisa que eu jamais imaginei fazer.

Eu fui para a televisão, em rede nacional, fazer apologia ao consumo. Eu que passei... Eu passei metade da minha vida criticando a sociedade de consumo e, diante da crise, diante do terrorismo que a imprensa nacional e internacional vinham fazendo, com relação à crise, dizendo que o povo não estava comprando porque estava com medo de perder o emprego e, se ele perdesse o emprego, ele não ia conseguir pagar a prestação. Eu fui para a televisão, em um pronunciamento de oito minutos, para dizer para o povo: “É verdade que você pode perder o seu emprego. Mas é verdade, também, que você perderá o emprego mais facilmente se você deixar de comprar. Então, é importante você comprar. Compre, de forma responsável, não comprometa todo o seu orçamento. Mas, se você não comprar, a roda gigante da economia vai parar, e aí você vai ver que a indústria não produz, o comércio não compra, não vende e, aí sim, nós vamos ter uma crise profunda”. E isso teve um impacto extraordinário no consumo da sociedade brasileira.

E nós tínhamos, também, a vantagem que o mundo rico não tinha: nós tínhamos um mercado interno virgem, um mercado interno cheio de pessoas com muita vontade de comprar alguma coisa e que não tinham dinheiro para comprar, e que era preciso a gente fazer com que essas pessoas tivessem acesso ao mercado e que pudessem comprar.

Eu lembro da discussão que eu tive com a indústria automobilística. Porque nós temos um problema, que é um problema cultural, não é culpa individual de ninguém. Na crise, Armando, o empresário não quer perder, ele quer continuar tendo a mesma margem de lucro, mesmo na crise. Ou seja, quando, na verdade, numa crise, todos nós temos que fazer a política da compensação. E eu dizia para a indústria automobilística brasileira: “O povo brasileiro mais pobre, ele tem três paixões na vida, três ou quatro. Qual é a primeira paixão de um homem ou de uma mulher? A da mulher é casar com



um homem bonito, a do homem é casar com uma mulher bonita, de preferência rica, ele quer uma paixão, mas não tem mulher rica dando sopa e nem homem rico dando sopa. A segunda paixão é ter uma casa própria. A terceira paixão do brasileiro é ter um carro. A quarta, hoje, é um computador”.

Mas o carro, eu lembro da discussão que nós fazíamos, no Ministério da Economia, e o pessoal me dizia o seguinte: “Olha, mas o trabalhador, ele vai comprar um carro, se ele tiver mais de cinco anos para pagar a prestação, o carro vai ficar depreciado, ele vai perder dinheiro”. Eu falava: “Gente, pelo amor de Deus, vocês não conhecem o povo pobre deste país. Ele, se comprar um carrinho, para pagar em dez anos, o prazer dele, além de andar, quando tiver dinheiro para colocar gasolina, é ficar, no final de semana, lavando o carro no portão de casa, passando esponja na calota do carro, no vidro, como se estivesse limpando uma criancinha de dois meses, é um xodó. Então, nós precisamos criar as condições de que a prestação do carro, da televisão, da geladeira, do fogão, caiba dentro do bolso dele. Se couber dentro do bolso dele, nós vamos vender o que tiver para vender no nosso país”.

E foi esse mercado interno que recuperou a economia brasileira. Pasmem, para uma coisa que eu vou dizer para vocês: foi exatamente esse mercado interno, sustentado pela parte mais pobre da população, que não permitiu que a economia brasileira tivesse o mesmo prejuízo que teve a economia de outros países.

No mês passado, saiu uma pesquisa no Brasil: as classes D e E, do Norte e do Nordeste, a classe mais pobre do Brasil, consumiu 5% a mais do que as classes A e B do Sul do país.

Ora, qual é o milagre? O milagre, a Alemanha já fez, no começo do século XX, e depois voltou a fazer no pós-guerra. Ora, se eu pego uma nota de US\$ 1 mil e dou apenas para a Dilma Rousseff, ela vai ter US\$ 1 mil. Ela vai comer bem no restaurante, vai dar gorjeta para o garçom, ainda vai tomar um bom vinho... Então, é uma pessoa forte e vai se beneficiar. Mas se eu pego



esses US\$ 1 mil, e dou para cem pessoas – US\$ 10 cada um –, eu vou ter, no mínimo, dez pessoas pobres, mas cada uma conseguindo comprar uma coisinha para levar para dentro de casa. Não vai comer a comida da qualidade de alguém que tem US\$ 1 mil, mas vai comer a comida necessária para sobreviver até o dia seguinte.

E foi isso que aconteceu no nosso país, e eu vou citar alguns números aqui, para não ficar lendo o meu discurso chato. Eu quero que vocês compreendam, porque essas coisas normalmente não são faladas, e essas coisas eu sinto a necessidade de falar, para vocês conhecerem o que está acontecendo de verdade no nosso país.

Bem, só na agricultura familiar – o pequeno agricultor brasileiro – nós, este ano, estamos financiando R\$ 15 bilhões, o equivalente a US\$ 8 bilhões. Quando nós chegamos ao governo, isso significava R\$ 2 bilhões. Nós estamos colocando R\$ 15 bilhões para financiar a agricultura familiar.

Quando saiu a crise de alimento, no ano passado, o preço de *commodities* estourou, a soja aumentou de preço. No Brasil, até o feijão, o saco de feijão, saiu de R\$ 60,00 para R\$ 200,00. Não tinha nenhuma explicação, porque nós não exportamos feijão. Ora, o que acontecia, de fato? Como o *subprime* já tinha estourado, os espertalhões, que exploraram o *subprime*, estavam saindo do *subprime* para ir para a Bolsa de Valores, para a Bolsa de Futuro de Mercado comprar e explorar alimentos.

Nós criamos, no Brasil, um programa chamado “Mais e Melhores Alimentos”, e colocamos R\$ 25 bilhões, o equivalente a, mais ou menos US\$ 13 bilhões disponibilizados para a agricultura familiar comprar tratores e implementos agrícolas. Pasmem: em dez meses, vendemos 16 mil tratores de 78 cavalos, ficando esse programa responsável por 78% da produção e da venda de tratores no nosso país. Se tiver alguém da indústria automobilística brasileira aqui, sabe que essa é a mais pura verdade.

Ora, o que nós provamos com isso? O trabalhador pequeno, ele não



comprava trator não é porque ele não precisasse, não é que ele não queria, é porque não tinha oportunidade, não tinha crédito e não tinha nada para que ele fosse incentivado. Na hora em que nós apresentamos a oportunidade, esses trabalhadores foram comprar tratores. E é o programa de mais sucesso que nós temos no Brasil, hoje.

Mas, além disso... e esse dado eu gosto de dar para vocês porque, certamente, um companheiro alemão, que nasceu em Hamburgo, está com 60 anos de idade, ou 50, não sabe o que é morar numa cidade sem energia elétrica. No Brasil, quando a ministra Dilma era ministra de Minas e Energia ainda, nós descobrimos que o Brasil tinha mais de 11 milhões de pessoas ou praticamente 2 milhões e 100 mil famílias, ou 200 mil famílias, sem energia elétrica, no século XXI. E resolvemos criar o programa chamado Luz para Todos. Já investimos R\$ 14 bilhões, o equivalente a praticamente US\$ 8 bilhões, totalmente gratuito, financiado pelo governo, levando energia elétrica na casa das pessoas mais pobres, sobretudo no campo.

Só para vocês terem o número na cabeça: já utilizamos 1 milhão de quilômetros de fio. Imagine quantas vezes a gente poderia enrolar o planeta Terra com 1 milhão de quilômetros de fio. Já utilizamos cinco milhões de postes, já utilizamos 800 mil transformadores e já atingimos 2 milhões e 100 mil residências no País. Sabe o que significou isso? Oitenta e três por cento das pessoas que receberam luz compraram televisão; 79% compraram geladeira; 47% compraram aparelho de som, ou seja, nós conseguimos pegar pessoas que viviam no século XVIII e, em uma fração de segundo, levar essas pessoas para o século XXI. E isso, antigamente, no Brasil, não se podia fazer porque o Tesouro Nacional dizia que era gasto, ele dizia que nós íamos gastar 14 bilhões e eu proibi de utilizar a palavra gasto, é investimento. Quem mora no meio do mato tem o mesmo direito de quem mora em um apartamento de cobertura no centro de São Paulo ou no centro de Brasília.

O Programa Bolsa Família... O Programa Bolsa Família, que diziam que



era esmola, que era assistencialismo, atende hoje, praticamente, 12 milhões de pessoas. E é investimento direto no bolso das pessoas. E ele está... O Bolsa Família é um programa do Programa Fome Zero. Ou seja, estamos atendendo praticamente quase 50 milhões de pessoas com esse programa de pessoas que recebem uma pequena ajuda no final do mês para comprar.

Eu vou dar um exemplo para vocês do significado: para alguém da classe média brasileira, para a minha delegação que está aqui – para não falar mal de ninguém –, R\$ 80, ou US\$ 60, não vale nada. Dependendo do dia do ano, a gente toma uns *whiskies*, pega US\$ 60, e dá de gorjeta para o garçom. Mas para uma dona de casa, que tem três ou quatro filhos, pega US\$ 60 ou US\$ 70 na mão, ela vai comprar alimento para levar para casa para comer, pelo menos, 15 dias.

E tem uma história muito interessante: uma senhora foi para a televisão dizer que ela tinha duas netas. Ela comprava um lápis só. E ela cortava o lápis no meio para dar metade para cada neto ir para a escola. E ela estava muito orgulhosa porque, depois do Bolsa Família, ela podia comprar uma caixa de lápis para cada neto.

E muita gente, se fosse pensar na macroeconomia, não faria isso. Porque, durante mais de vinte anos, o meu país não tinha sequer liberdade de decidir a sua política econômica. O que ia gastar, era o Fundo Monetário Internacional que ia ao Brasil dizer o que os nossos homens tinham que fazer. E a obediência era cega. E, muitas vezes, o Brasil assumia compromisso e não cumpria. E eu fui criado por uma mulher que nasceu e morreu analfabeta. Mas uma coisa é sagrada, palavra é palavra. Palavra, você não tem que assinar documento. Um cidadão deu a palavra, ele tem que cumprir.

É por isso que ontem à noite eu fiz uma homenagem ao Presidente da Alemanha, porque ele era Presidente do FMI quando eu tomei posse na Presidência. E eu disse para ele: “Eu vou respeitar os tratados. Agora, eu quero que o Brasil seja respeitado enquanto nação”. E isso foi cumprido e, por



isso, eu fiz questão de elogiá-lo ontem à noite, no jantar.

Só para vocês terem ideia: o salário mínimo. No Brasil, os economistas diziam que se a gente aumentasse o salário mínimo, ia causar inflação. Faz seis anos que nós aumentamos o salário mínimo todo ano e a inflação está controlada. Cada aumento que nós damos para o salário mínimo significa colocar na economia R\$ 20 bilhões. Ou seja, significa o povo pobre tendo dinheiro para comprar um quilo de carne a mais, para comprar um televisor a mais, para comprar uma geladeira a mais, um sapato, uma camisa, e até viajando de avião o povo agora está. Tem gente que não gosta, tem gente que não gosta, que acha que lugar de pobre é ficar dentro de casa ou lá no seu bairro. Mas eu adoro quando vejo um pobre viajar de avião, porque significa que ele está melhorando de vida, a classe média está melhorando de vida e o empresário está melhorando de vida, porque é a cadeia de consumo funcionando, na sua plenitude. E é isso que nós queremos para o nosso país.

E, aí, nós criamos uma coisa chamada “crédito consignado”. No Brasil, nós tínhamos um problema, as pessoas não tinham como tomar dinheiro emprestado. Nem o grande empresário tinha, porque o BNDES tinha pouco dinheiro para emprestar. E o coitado do trabalhador e o aposentado só conheciam banco na hora de receber o seu pagamento, e ainda pegava uma fila desgraçada para poder receber a sua ninharia.

Então, nós resolvemos criar um crédito. Uma vez, em um debate com os bancos, eu perguntei: “Por que vocês não emprestam dinheiro para pobre?” “Ah, porque não tem garantia”. Então, nós resolvemos dar como garantia o contracheque dele, o salário dele era a garantia.

Aqui está o nosso companheiro Secretário-Executivo da Previdência Social. Aposentado não tinha direito de entrar em banco, a não ser para receber o seu salário. Criamos o crédito consignado. A pessoa pega o dinheiro no banco, faz um contrato, ou com o sindicato, se ele estiver na ativa, ou diretamente com o banco. Ele não pode gastar mais que 30% do salário dele



por mês. Vocês sabem quanto nós já colocamos no mercado, nos últimos três anos e meio? Cento e cinco bilhões de reais, o equivalente a quase US\$ 60 bilhões, na mão do povo pobre, para ele consumir. Ele não está nem depositando em dólar, nem está... Ele está consumindo as coisas que são feitas no Brasil.

Só para vocês terem ideia, em 2003, quando nós chegamos ao governo, todo o crédito disponibilizado, no Brasil, era o equivalente a R\$ 380 bilhões, não é isso, Guido? Todo o crédito disponibilizado para 190 milhões de habitantes era de apenas R\$ 380 bilhões. Hoje, só o Banco do Brasil, Armando Monteiro, tem mais crédito disponível do que tinha todo o Brasil.

Em 2004, o BNDES tinha R\$ 40 bilhões para emprestar. Neste ano, vai emprestar 128 bilhões, quase quatro vezes mais. Porque nós éramos um país em que os dirigentes diziam que nós éramos capitalistas. E eu nunca vi um país capitalista funcionar sem capital e sem crédito, ou seja, era preciso restabelecer a lógica de uma economia capitalista, fazer com que o dinheiro circulasse no País e funcionasse o País – e olha que isso era difícil para mim, era quase tudo contra.

Entretanto, quando a gente chega ao governo, a gente tem que fazer as coisas que são possíveis fazer, porque o povo é bondoso, mas o povo cobra. E eu tinha comigo uma coisa extremamente importante: qualquer presidente da República no Brasil, qualquer, se ele fracassar, como muitos fracassaram, não tem problema. Eles deixam a presidência, vêm aqui, para a Alemanha, passam dois anos fazendo palestra, vão para Harvard fazer o curso de pós-graduação, vão morar um tempo no exterior, depois eles voltam e concorrem outra vez, achando que o povo já esqueceu o que eles fizeram.

Eu tinha clareza de que eu não podia errar, eu tinha clareza de que a cobrança em cima de mim seria muito maior do que a cobrança em cima de qualquer outro presidente. E eu tinha clareza de que se eu fracassasse, ia demorar 200 anos para um metalúrgico, sem diploma universitário, querer ser



presidente da oitava economia do mundo. E as pessoas perguntavam para mim: “Mas, Lula, você quer ser presidente? Você não fala alemão, você não fala inglês, você não fala espanhol”. Como se isso fosse o máximo do máximo. Ninguém nunca perguntou para o Obama se ele fala português, ou fala alemão, ninguém nunca perguntou. Ninguém nunca perguntou para o Helmut Kohl se ele falava inglês ou não. Ou seja, mas, de mim, a cobrança era uma loucura. Então, quando eu tomei posse, eu tinha clareza de que a gente tinha que ganhar e tinha que provar que nós tínhamos competência para governar o nosso país.

Pois bem, companheiros, eu vou terminar dizendo para vocês o seguinte: é com muito orgulho que aqui, nessa Hamburgo, que reconheceu a independência do nosso país em 1827, que eu posso dizer para vocês: é esse Presidente da República, que não tem diploma universitário, que vai passar para a história como o Presidente que mais fez universidade no Brasil e que mais fez escolas técnicas profissionais.

Em cem anos, toda a elite brasileira que governou o Brasil, em cem anos, fez 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos entregar ao Brasil 214 novas escolas técnicas, para qualificar a mão de obra do País, para que quando um empresário quiser investir no Brasil, ele vai ver que nós vamos ter mão de obra tão qualificada quanto ele tem no seu país. E essas escolas técnicas são de altíssima qualidade.

E eu faço isso porque eu sei o quanto uma profissão valeu para mim. E se a profissão valeu para mim, valerá para os outros brasileiros. E, aí, o Brasil deverá ser exportador não de *commodities* apenas, não de minério de ferro, de petróleo ou de soja, nós queremos exportar o conhecimento. Queremos exportar a nossa inteligência para que a gente possa fazer o nosso país ser muito maior.

Nós já fizemos 12 universidades federais novas e 105 extensões universitárias, levando extensões para todo o interior do País, para que os



filhos dos pobres, no mais longínquo lugar do País, possam ter acesso à possibilidade de estudar. E criamos um programa chamado ProUni. Fizemos um convênio com as universidades privadas, fizemos uma isenção de imposto, o equivalente ao imposto é transformado em bolsa de estudos. Neste ano, nós temos 545 mil jovens pobres, da periferia do meu país, dos quais 40% negros, fazendo universidade e alguns já viraram doutores no nosso país. É isso, é isso que vai permitir que junto com todas essas obras que a Dilma mostrou, que junto com todos esses números econômicos que o ministro Guido mostrou, e junto com aquilo que o companheiro Miguel Jorge falou, é isso que deve ser o grande atrativo para que os empresários alemães voltem a ter para com o Brasil o mesmo ímpeto que vocês tiveram na década de 50 e na década de 60.

Dizem que não é justo uma pessoa ser feliz sozinha. A felicidade é ótima quando se constrói em dois. Então, meus companheiros alemães e meus companheiros brasileiros, não vamos ser egoístas e cada um ser feliz sozinho. Vamos juntar a nossa força econômica, a nossa inteligência, a nossa capacidade produtiva, o nosso conhecimento, e vamos ser felizes juntos.

Muito obrigado.

(\$211B)